

# Entrevista

.....

\*

DOI: <https://doi.org/10.34619/1f76-zeao>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1802-5068>

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade da Beira Interior, 6200-209 Covilhã, Portugal. Faces de Eva. CICS.NOVA, Colégio Almada Negreiros, Campus de Campolide, 3.º piso – Sala 333, 1070-312 Lisboa, Portugal.

[leitao.duarte@ubi.pt](mailto:leitao.duarte@ubi.pt)



# Voar por dentro das palavras

## Maria Teresa Horta (1937-2025)

CRISTINA L. DUARTE\*

---

Na sequência de duas entrevistas<sup>[1]</sup> realizadas em 2005 com uma das co-autoras de *Novas Cartas Portuguesas* (2001), aqui fica o conteúdo da segunda conversa com a autora feminista e poeta Maria Teresa Horta.

---

1. Entrevistas inéditas realizadas a 5 e 10 de Maio de 2005.

Para as feministas, disse-nos a escritora, esta obra é a bíblia do feminismo. É-o porque as mulheres feministas se reconheceram nela. O livro foi escrito como uma obra literária que tinha, como é óbvio, a vivência das ‘três Marias’ e as suas opções políticas. Eram mulheres de esquerda: “Obviamente que éramos feministas, mas não foi escrito para ser um livro feminista, não é um panfleto, é uma obra literária. Eu não escrevo panfletos.”

**CRISTINA L. DUARTE** – *Como poeta e ficcionista, o que é que a Maria Teresa Horta espera da literatura?*

**MARIA TERESA HORTA** – Eu, da literatura, espero sempre muito. Não é hoje em dia, para mim a vida tem a ver com a literatura, não concebo a vida sem a literatura e a literatura para mim é a vida. Eu não encaro a literatura como um...

*...entretenimento...?*

Não só como um entretenimento, até como uma espécie de arte, até como arte. Eu encaro a vida como outro universo paralelo ao meu e que se une comigo, quer dizer, não só o meu universo paralelo, como o meu universo íntimo, como um universo tão real para mim quanto a vida. Um universo de muitos universos, não é? Cada pessoa tem o seu universo e cada leitor tem o seu universo, portanto é uma coisa vertiginosa. Depois, dentro da literatura, separo a poesia, porque eu penso que os poetas são diferentes. Não sei se são melhores, se são piores. Quanto a mim, eu acho que os poetas têm sempre sido o garante do mundo ao longo dos séculos. É, os poetas são aqueles que acreditam no sonho, portanto, aqueles que voam, que sabem voar por dentro das palavras, por dentro da vida, que têm dado, que têm emprestado as suas asas ao mundo; ou seja, é a partir dos poetas que a sociedade avança. Os poetas andam à frente da vida, à frente do seu tempo. Esses são os grandes poetas, aqueles que à frente do seu tempo nos vieram empurrar – empurram o ser humano, o homem e a mulher – para caminhos cada vez mais ousados e cada vez melhores. Para mim, são os poetas realmente que fazem avançar as pessoas, cada um por si. É a história da floresta que é feita pelas árvores, não pelas árvores no seu conjunto, mas por cada árvore em si. As árvores são os poetas, e eu até costumo dizer que o futuro está nas mãos dos poetas, são os poetas que podem ainda salvar este

mundo sem ideias, este deserto em que vivemos nesta altura, sem ideais, sem princípios, sem causas, só a competição, só as coisas materiais, nada que tenha a ver sequer com o corpo. Tudo é uma coisa secundária, a não ser as coisas imediatamente palpáveis. E eu penso que os poetas, como eu costumo dizer, são os alquimistas do futuro, porque eu não entendo por alquimista só aquele que tenta transformar as coisas em ouro; mas o ouro, neste caso como uma metáfora, será a libertação, será a liberdade, será aquilo que há de bom no ser humano e o que ele tem de melhor. Digamos, com essa metáfora, estou apenas a dizer que os poetas têm asas. No fundo, é isto. Vêm coisas que não sabem que vêm e é isso que dizem nos seus poemas, e isso é muito importante entender-se. Eu não penso que eles sejam seres excepcionais na vida. Eles são seres excepcionais porque vêm, sabem, sentem, pressentem. Eles vão à frente e às vezes nem sabem que vão, mas a sua escrita diz-nos isso, mostra-nos isso.

*E dentro da poesia, consegue ver o lado feminino da escrita? Pode falar-se numa escrita feminina ou é preferível falar numa dimensão feminina da escrita...?*

Não. Eu acho que não há uma dimensão feminina, acho que há uma escrita feminina, uma escrita da mulher e uma escrita do homem. Depois há homens que podem, ou conseguem, ou querem, escrever como mulheres, ou escutam muito o seu lado feminino, e é com esse que escrevem; e há mulheres que escrevem com o seu lado masculino, ou escrevem como os homens, porque os homens durante muito tempo foram um parâmetro da escrita. A escrita pertenceu-lhes, nós tínhamos um lugar menor. Aí chega-se ao *Quarto que seja seu*, da Virginia Woolf, porque quer-me parecer duas coisas: que a Virginia Woolf, ao falar do “quarto que seja seu”, queria dizer que as mulheres devem ter um quarto seu na casa – a casa não é apenas o sítio da família, onde ela é uma pessoa secundária, onde ela existe para bem dos outros, para escutar os outros, para estar atenta aos outros e também para se sacrificar. Penso que a Virginia Woolf quis dizer que a mulher tem a mesma dimensão do homem, que a mulher é tão importante quanto o homem; mas, por outro lado, a Virginia Woolf também nos quis dizer que nós devíamos ter um quarto na literatura. Um quarto igual ao do homem, um quarto que seja nosso, e por isso ela diz: “as mulheres escrevem como uma mulher”, e diz também: “não entendo porquê tanto espanto porque

quanto mais diversidade houver na literatura mais se enriquece a literatura”. A literatura é feita com a diferença de cada escritor, de cada autor. Eu não digo que a mulher escreve melhor do que o homem, não é isso que eu digo. Há boas escritoras e más escritoras. Há bons escritores e maus escritores. Não estou a dizer que um sexo é melhor que o outro. Na escrita, como em tudo. O que eu estou a dizer é que há uma escrita de mulher. Claro que, porque há esse parâmetro masculino, nas mulheres há uma tendência muito grande de utilizar tudo aquilo que vem de trás e que foi a nossa leitura primordial. Porque as mulheres eram secundárias durante muito tempo, tirando aquelas verdadeiramente excepcionais – é o caso das irmãs Brontë, da Christine de Pisan. Não estou já a falar dessas mulheres excepcionais, mas a grande maioria das mulheres ficou debaixo da poeira do tempo, em arcas de família; depois as coisas que foram rasgadas, que foram deitadas fora porque não tinham importância. Elas escreviam às escondidas, elas escreviam quando ninguém sabia, elas levantavam-se de madrugada para escrever ou deitavam-se tardíssimo para escrever. Elas escondiam aquilo que escreviam, elas escondiam-se para escrever. Essa escrita, grande parte dessa escrita, desapareceu. Claro que, entretanto, as feministas, e essa é a função das feministas, ir em busca dessas mulheres – a mim, é uma das funções que mais me agrada. E descobriram-se mulheres espantosas.

*Mulheres que ficaram na sombra...?*

Exacto, e escritas espantosas em sótãos, ou escrivatinhas, amarelecidas. De repente há uma mulher que diz: “Ah, sim, a minha tia escrevia, tenho a impressão que ainda há umas coisas lá em casa.” E vão à procura e lá está a escrita da tia, que de repente aparece como uma escrita excepcional. Isto eu creio que é o tal quarto que seja seu – e que elas não tiveram. Foram utilizando os quartos que usurpavam, entre aspas, da família, às escondidas. Esta é a escrita feminina que eu conheço. As mulheres que escrevem como mulheres, escrevem com a sua alma, e a sua alma tem uma vivência diferente da do homem. A mim não me interessa se há escrita feminina, porque as mulheres foram educadas desde pequenas de maneira diferente, porque as mulheres por estereótipos tiveram de fazer uma vida diversa daquela que deviam fazer... Não me interessa nada disso. Interessa-me o resultado, não a causa. Isso é outra discussão. Há uma escrita da mulher. E então qual é a causa? Isso é outra discussão. Ora, há uma escrita de mulher, quer seja por

educação, quer seja por tradição, quer seja por isto, quer seja por aquilo, há uma escrita de mulher. A mulher tem outro tempo, diverso do homem, no quotidiano. A mulher tem outro tempo diverso na arte. A mulher pinta, a mulher faz cinema, a mulher escreve duma maneira diversa, com o seu corpo, o seu tempo, com a sua maneira de ser, com a sua sensibilidade. Agora, a sensibilidade é genética? Não. A sensibilidade é educada. Isso é já outra discussão que podemos ter, percebe?

*Na literatura, quais são os problemas que na sua opinião as mulheres enfrentam?*

Todos, se é erótico, todos, porque têm a família contra elas. Nunca um livro meu foi tão amado como um chamado *Destino*, e porquê? Porque há dois ou três poemas eróticos espalhados e a minha família adorou e os meus amigos adoraram e todos falam daquilo sem incómodo. Porque a poesia erótica incomoda se é feminina. Incomoda o marido, incomoda os amigos que ficam sem jeito, incomoda as amigas que, enfim, “que desagradável”, incomoda os filhos, que dizem: “Credo! A minha mãe a escrever uma coisa destas.” Sentem um incómodo, incomoda todos, e não incomoda quando é masculino. Aí não, são livros eróticos lindos, empolgantes. É muito viril, é muito sedutor, agora vai-se ler a Teresa Horta, “ai, mas que coisa, ela escreve cada uma”. E por isso as cartas anónimas, e por isso os problemas dentro de casa. Eu, ainda hoje, passados 40 anos, tenho problemas dentro de casa; há uma regra fundamental para uma escritora, de qualquer género literário: antes de publicar não mostrar as coisas ao homem com quem vive, porque senão tem problemas terríveis e a sua obra fica sentida, a sua obra vai ser prejudicada, porque eles insinuam-se e porque são os homens que amamos. O Luís é o homem com quem vivo e por quem estou apaixonada há 40 anos, e porque eu estou muito apaixonada ainda, e nem sequer é amor só, é paixão, é paixão – dizem o amor passa e fica a amizade, mentira! Eu não gosto de ter amigos dentro de casa, não passo as camisas dos meus amigos, não curo as doenças dos meus amigos; os meus amigos são meus amigos, estão fora de casa, eu estou apaixonada, o amor não passa nada, não fica a amizade, isso é uma vigarice, porque, entretanto, eles vão ter amantes fora de casa e a gente fica a curá-los em casa. Essa é a amizade. Eu essa não... trato-o, ando com ele, porque ele é a minha paixão. Ora bem, a uma certa altura, num livro meu chamado *Os Anjos*, e por acidente fomos jantar juntos

a uma coisa chamada Jantar Poético, onde os poetas eram convidados e liam poemas seus. Foi o que me aconteceu. Fui convidada, o Luís, que nunca vai a coisa nenhuma minha, resolveu ir. Foi comigo e eu li poemas. Li poemas desse livro também, por sair, chamado *Anjos*, e foi uma noite completamente estragada, porque quando chegámos a casa ele embirrou com um dos poemas e disse: “Eu não quero esse poema nesse livro. Tens de tirar esse poema”, e eu disse: “Eu não tiro.” Um poema que era cinco versos. Os *Anjos* são todos muito pequeninos. Eu disse não, e ele disse: “Se não tiras esse poema eu vou-me embora.” Respondi: “Paciência”, com a morte na alma, porque eu sabia que, se dissesse sim, nunca mais eu era dona dos meus livros, porque agora tira um, amanhã tira dois, depois quer ver o resto, depois estamos a fazer censura e eu estou a fazer autocensura, não e não. Ele está aqui, passados 41 anos, já não se lembra disto, eu é que nunca mais me esqueci. Aconteceu aqui nesta sala, portanto não há qualquer falsidade, mas isto é o que acontece a uma mulher que tem uma escrita erótica ainda hoje; não estou a falar do século passado, ou do século XIX. Agora imagine o que era uma mulher com uma escrita erótica no século XVII ou XVIII, porque ela nem sequer na sua sexualidade podia falar, nem sequer se atrevia a dizer: “Olha que isso não me dá prazer, não quero que faças isto, quero que faças antes assim.” Isto era uma coisa impensável, portanto, como é que é possível escrever se não é possível fazer? Como é que é possível publicar e enfrentar isto? É muito difícil, muito complicado. Penaliza muito uma pessoa. Destrói a carreira literária. Não é uma coisa séria. É uma coisa séria se for masculina, se for feminina, marginaliza, e marginaliza sobretudo se essa mulher for feminista; porque aí há duas marginalizações, a feminista e a escritora do erotismo, e aí as duas coisas juntas são explosivas, de detonar a sua própria vida. Por causa disto tudo, destas duas coisas, se o nosso amor, o meu e o do Luís, não fosse tão grande, se a nossa paixão não fosse tão grande, já tinha sido detonada. Só não foi detonada porque nós nos amamos muito. E detonou a minha carreira literária, porque sou feminista e porque dentro da literatura, não só, mas também, a minha escrita é uma escrita feminina, é uma escrita erótica e assumidamente feminina. Eu começo a dizer: “Eu tenho uma escrita feminina, não é isto que eu quero escrever, eu quero escrever aquilo”, e aí deixei de ser o talento fulgurante, fabulosa, para ser calada durante anos. Durante anos, fui completamente marginalizada.

*É o poder do silêncio...*

Completamente. E até hoje, quando os meus livros saem, há um silêncio muito grande. Ninguém se atreve a dizer: “Isto é muito mau, isto é horrível.” Não. Não dizem nada.

Quando as *Novas Cartas Portuguesas* saem, o silêncio em Portugal é devido à censura. Mas será que é só devido à censura? Então porque é que não faz o mesmo barulho que no estrangeiro, quando chega o 25 de Abril? O 25 de Abril chegou em cima das *Novas Cartas Portuguesas*, quando nós não tínhamos acabado o julgamento, e não tinha havido sentença. Chega a liberdade, e o que é que se faz às *Novas Cartas Portuguesas*? Aniquila-se, cala-se. As *Novas Cartas Portuguesas* estiveram esgotadas em Portugal durante vinte e tal anos, ninguém se incomodou com isso. Do Brasil chegavam convites permanentes, apelos: “Porque é que não há *Novas Cartas Portuguesas*? Onde é que nós fazemos fotocópias? Deixe-nos fazer fotocópias, porque no Brasil está-se a fazer imensos mestrados, imensas teses com as *Novas Cartas Portuguesas*.” Então mandavam pedir ansiosamente fotocópias, e eu muitas vezes mandei daqui fotocópias, porque não podia mandar o meu livro, só tinha um. Então fizeram-se sucessivas fotocópias para poderem ser usadas, e em Portugal durante anos as faculdades ignoraram completamente as *Novas Cartas Portuguesas*. Nos Estados Unidos aquilo foi e é ainda conhecido como um grande livro, e corrosivo – todos os dias havia feministas à frente das embaixadas. Nos Estados Unidos são muitos grupos feministas, e [o livro] uniu as feministas – elas revezavam-se por grupos à frente da embaixada em Washington, durante anos. Se por um lado é uma obra literária e se, por outro lado, foi um livro que teve uma importância decisiva na queda do fascismo, sobretudo no estrangeiro, não é de se descobrir o que estava a acontecer aqui, de se destapar a sociedade que tínhamos na altura?

*A literatura será uma só...?*

A literatura é uma só. Claro. Depois, dentro da literatura, há uma escrita feminina como pode haver uma escrita de negros, como uma de *gays*, porque na realidade as suas vivências pessoais são diversas. Mas depois, além dessas diferenças pessoais, cada mulher escreve da sua maneira; há uma escrita específica deste grupo, que é o grupo maior no mundo, nós somos mais do que os homens, somos a maioria. Há uma escrita feminina, não tenho

dúvidas nenhuma. E, como não sou negra, há provavelmente uma escrita dos negros, porque não? Eu não sou negra, não me sinto, não acordo de manhã e não tenho aquela cor que tem sido marginalizada toda a vida; por mais que eu esteja do lado deles, e estou, por mais que eu desde pequenina tenha ansiosamente querido ser negra, porque acho mais bonito. Desde pequenina é dos grandes sonhos, eu olhava para o espelho e dizia: “Mas eu quero ser negra, eu quero ser preta.” Lembro-me disto aos meus quatro, cinco anos, que a minha mãe ficava danada e toda a gente dizia: “Esta é doida.” Além disso, eu não sou realmente, infelizmente, não sou nem tenho raiz nem genética nem de memória, nada. É uma afinidade e um desejo que ainda hoje tenho.

*A voz colectiva que se ouve, que se lê, nas Novas Cartas Portuguesas é representativa de uma revolta sentida pelas três autoras e que se pode generalizar à sociedade e àquilo que as mulheres viviam à época, em 1972?*

Pode-se generalizar ao mundo. Em Portugal, em particular, mas pode-se generalizar ao mundo, porque nenhum livro causa tanto fragor e unanimidade, o abraço unânime que aconteceu nas *Novas Cartas Portuguesas*, que o livro deflagrou. Nenhum livro deflagra isso se as pessoas, neste caso as mulheres, não se reconhecessem nele. Nós, quando escrevemos o livro, não escrevemos assim: “Nós somos as três feministas, vamos escrever um livro feminista.” Nada disso. Não foi isso que aconteceu. Portanto, este livro não foi escrito para ser isto ou aquilo, só que nós três somos mulheres, e este livro é um livro de mulheres, é uma visão feminina, parte da ideia de que nós temos coisas em comum. Temos a mesma geração, temos a mesma idade, a mesma educação, o mesmo tipo de leituras, éramos as três escritoras, temos tudo para dar certo enquanto amigas e também enquanto obra conjunta. Porque é que nós não escrevemos uma coisa as três? E aí eu publico um livro chamado *Minha Senhora de Mim*, que me põe a vida de pernas para o ar, porque era um livro muito insólito em Portugal, ainda hoje o é. Fala do corpo da mulher e do seu próprio desejo e daquilo que ela sente em relação ao desejo masculino do corpo do homem, ao amante. Isto causa um grande escândalo e então aí nasce a ideia: se uma mulher só faz tanto burburinho, o que farão três? Como já havia a ideia, porque é que não escrevemos uma coisa em conjunto? Isso empurra-nos para um livro em que nós olhamos Portugal com os nossos olhares de mulheres e

queremos falar sobre tudo aquilo que nos toca. Além da guerra de África, do problema político que tocava homens e mulheres, havia o problema de ser mulher, este percalço em Portugal – para mim muito bom, detestaria ser homem – de sermos mulheres num país não só fascista, como machista, e ainda em Portugal temos uma especialização chamada marialvismo. Então nós, que éramos os selins e os animais, e basta ir ver os nossos provérbios para ver como as mulheres são sempre, sempre, sempre comparadas a animais, não é?! Sempre! Portanto, quando realmente olhamos, entendemos que, quando as *Novas Cartas Portuguesas* são feitas, quisemos pôr em causa também o nosso estatuto, o estatuto que as mulheres tinham em Portugal. Só que o estatuto que as mulheres tinham em Portugal é muito universal, porque as mulheres espanholas se reconheceram nesse olhar, e as francesas e as inglesas e as americanas e as norueguesas e as chilenas, e aí, para grande espanto nosso, as *Novas Cartas Portuguesas* ficaram mais conhecidas em toda a parte do mundo do que em Portugal. Porque aqui o livro foi pura e simplesmente aniquilado e continua hoje a ser maltratado e aniquilado. E existe hoje porque eu disse: “Não pode ser.” E fui propor à D. Quixote, que tem livros de todas nós as três, porque é que não fazia uma reedição. “Olha, é uma ideia”, disse o Nelson de Matos, e aí o livro sai, sem ser revisto, cheio de gralhas e erros, uma capa horrível, maltratado, é um livro que tem sido muito mal-amado, um livro “desamado”, com uma grande agressividade masculina em cima, com muita inveja masculina dos escritores portugueses, com muita marginalização, com muitas coisas encobertas pelo mal-estar que o livro provoca. Eu lembro-me de haver um senhor numa embaixada onde eu estava, um convite qualquer da embaixada francesa, que chegou ao pé de mim e da Maria de Lurdes Pintasilgo e disse-me: “Sabe que eu tenho o seu livro. Já fui ler as *Novas Cartas Portuguesas*, mas deixei no escritório para a minha mulher não ler.” Bem, isto ainda é o nosso país, quando o primeiro-ministro Vasco Gonçalves pergunta à Maria de Lurdes Pintasilgo, que era ministra do Governo: “Ó Maria de Lurdes, diga-me uma coisa, acha que as Marias são mulheres honestas?” Eu penso que isto é Portugal, e eu gosto muito do Vasco Gonçalves, tenho uma grande admiração por ele, uma grande ternura, mas a verdade é que isto representa este país, a ideia deste país. Mulheres de mau porte, mulheres desonestas que escrevem estas coisas. Não se esqueça que o Marcello Caetano, que era um homem culto, fascista mas culto, disse nas últimas

*Conversas em Família* que houve: “Estas mulheres não são dignas de ser portuguesas”; portanto, a propósito de um livro que estava no momento em tribunal. Ele não devia ter falado. Era advogado, e muito bom advogado. Ele era professor de Direito e sabia que, se o livro ainda estava em julgamento, não poderia falar e sobretudo sendo primeiro-ministro. E falou, condenou o livro claramente, disse ao juiz: “Estas autoras têm que ser condenadas.” Foi claro e disse: “Estas mulheres, estas senhoras não são dignas de ser portuguesas.”

E depois vem a discriminação dos colegas, e depois vem a discriminação que escondeu debaixo da cama, que escondeu no escritório, que meteu debaixo do colchão, que afasta as mulheres daqui; quer dizer, isto tudo tem acontecido a este livro, que é uma obra literária que não está devidamente analisada, não está devidamente estudada, que não está devidamente amada, admirada neste país, quando está estudada em Londres. Há coisa de um ano houve uma reedição em Oxford, para a universidade. [O livro] É estudado em Inglaterra, é estudado nos Estados Unidos, é estudado em França, aqui é esquecido, aniquilado; se possível até era apagado, se pudesse ser, era apagado do mapa. E depois fazem-se coisas incríveis que é, o livro é assinado pelas três, não é individualmente assinado cada texto. Acha-se logo que uma autora escreve menos, que aquela escreve mais, que aquela não presta para nada, que os melhores textos são escritos pela outra. Tudo isto parte dos tais grupinhos, das tais capelinhas, das tais catedrais literárias que existem em Portugal, que têm apagado o livro e que, quando pegam nele, pegam porque gostam de uma autora e então essa autora é que é a dona daquele livro, porque as outras são muito más.

*Como era o vosso processo de trabalho para o livro?*

Havia regras. Uma das regras era apresentarmos, nós já nos encontrávamos uma vez por semana, passámos a encontrar-nos outra vez só para falar do livro, portanto, cortou-se aquela chamada solidão...

*...do escritor...?*

Sim, em frente do papel, que era aquela coisa cansativa. Isso nunca senti. Mas há muitos escritores que sentem. Tínhamos de levar três cópias, para todas lermos. Houve vezes em que não tivemos tempo de levar essas três cópias e nós tínhamos que ler alto. Líamos alto e no outro encontro apresentávamos

as cópias, porque não tínhamos tido tempo. Calcule que eu tinha escrito um texto 15 minutos antes, mas eu queria passar esse texto; era importante que elas ficassem com esse texto, porque elas iam a partir desse dia escrever mais textos, e portanto que soubessem que naquela data havia um texto que dizia que tinha uma personagem ou que acabava ou começava com uma personagem.

*Aquelas datas correspondiam à escrita?*

Completamente.

*A quem quiseram no vosso tempo enviar estas Novas Cartas Portuguesas?*

A toda a gente. Quando nós escrevemos, quando um escritor escreve, escreve hipoteticamente para toda a gente. As *Novas Cartas Portuguesas* foram feitas obviamente para nós, tinham de ter um centro, um centro feminino, porque nós éramos mulheres; e tinham de ter um centro que tinha de ter a ver com este país, com a paixão e não só, que significasse a raiz, uma raiz que nos ligasse ao nosso passado, à situação feminina do passado, que tem a ver com o nosso presente e o futuro, portanto, a nossa memória feminina, que obviamente através dos séculos tem condicionado a mulher a ser de uma determinada maneira, e não de outra maneira. Aí surge a ideia da Mariana Alcoforado, porque ela foi metida num convento pelo pai à força, não foi ela que quis ir por vocação. Portanto há um enclausuramento, há vontade masculina paterna ou marital, que neste caso é paterna; existe o enclausuramento, que é uma coisa extremamente importante, existe também a paixão, porque apesar de tudo a mulher portuguesa é uma mulher apaixonada. Existe a paixão, existe o abandono por outro homem, existe o uso sexual da mulher e existe o abandono. Bom, obviamente, só podia ser a Mariana Alcoforado. E finalmente aparece, e a partir daqui a Mariana Alcoforado é conhecida na literatura por cinco cartas. Portanto, nós teríamos que escrever como ela, cinco cartas, cada uma de nós. Cinco cartas no princípio e cinco cartas no fim, quando acabássemos; tudo o resto era livre.

Não tínhamos que escrever cinco cartas neste tempo ou naquele tempo. Tínhamos que escrever cinco cartas no princípio, cinco cartas no fim. As cartas eram livres. Não havia tema, tudo era livre naquele livro. Nós podíamos escrever o que quiséssemos, poesia, ficção, ensaio. Loucura ou não, tudo

era possível, e todas as três assumíamos cada texto que aceitávamos até à morte. Ninguém diz nada e, portanto, para bem e para mal, nós aceitámos todos os textos.

*Todos os textos...*

São de todas. Mas foram escritos por nós, cada uma de nós, fora dali. Não tem influência nenhuma a não ser a influência dos textos das outras ou daquilo que elas diziam dos seus textos.

Portanto, nada, absolutamente nada, era proibido, não havia qualquer espécie de censura, e isto dá uma dinâmica literária perfeitamente única. Até porque, como assumíamos os textos todos, deixou de haver apenas o meu texto e o teu texto para haver os nossos textos. O meu texto que é vosso, o texto delas que era meu. Há uma troca, há um aceitar, há uma abertura ao texto das outras, há uma autoria colectiva, que cada uma de nós sabe que é individual porque ninguém mexeu nos meus textos e ninguém mexeu nos textos delas, ou nenhuma de nós mexeu nos textos da outra. Isto é muito importante porque não foi isto que nós dissemos na polícia. Nós na polícia dissemos que tínhamos escrito as três, cada texto foi escrito pelas três, portanto, porque era a única maneira...

*Como é que diziam? Cada texto...*

...é escrito pelas três. Cada texto é escrito pelas três. Eles diziam todo o livro é abuso de liberdade de imprensa e atentado ao pudor, mas há textos que são piores que outros e...

*...queriam identificar o texto...*

O tal da página tal. Eram uns sete ou oito, eram piores que os outros. Esses eram intoleráveis, portanto se alguma de nós dissesse: “Fui eu que escrevi”, as outras estavam ilibadas e aí ficava aquela sozinha, que é o que era desejado, não é?! E nós dissemos, não, não, não. “E então este texto quem é que escreveu?” “As três.” “Francamente, minha senhora.” E a gente dizia: “Olha o Cadáver Esquisito do Mário Cesariny”, e aí o senhor, que era das prostitutas, o Inspector Parente, disse: “Ó minha senhora, não percebo nada disso, sei lá o que é isso. Isso cada uma escreveu os seus textos, toda a gente sabe isso”; e a gente dizia: “Não, não, nós as três escrevemos cada texto deste. Agora vai-nos processar?” “Tenho que processar as três. Nem aquela, nem aquela,

mas as três.” A elas, dizia que “nós sabemos que foi a Maria Teresa Horta”, e a mim dizia: “Nós sabemos que foi a senhora, portanto a senhora vai deixar as suas colegas pagarem pelo que a senhora escreveu?” E eu respondi: “Não se preocupem com o meu problema de consciência, preocupe-se com o seu problema de consciência, de estarem a fazer uma coisa destas, de estarem a fazer um processo destes. O meu problema de consciência é meu. Se lhes estou a dizer que os textos foram escritos pelas três...” Com elas era: “Nós sabemos que foi a Maria Teresa Horta. Ela já tem um livro proibido.” Foi o Moreira Baptista que fez isto tudo e tinha um ódio por mim...

*Receberam ameaças quando lançaram o vosso livro?*

Claro. É óbvio que recebemos ameaças. Se eu fui espancada pela *Minha Senhora de Mim*, isto o que é que acha que foi? Claro que recebemos ameaças, claro que fomos; pior que isso, tivemos um processo em cima e por causa disso, e para não sermos presas, tivemos de pagar caução e tivemos que fugir de casa de noite. Eu fugi de casa com o meu filho porque o meu advogado me telefonou e disse: “Teresa, a partir de agora saís imediatamente de casa até amanhã de manhã, porque eles agora, começa a anoitecer, não te podem prender” – porque em Portugal não se prende ninguém de noite, coisa que as pessoas não sabem, até agora, não se prende ninguém de noite, prende se encontrar alguém em flagrante delito. Logo que raiar o dia, portanto, “não podes estar em casa nessa altura e não podes estar em casa agora. Vais sair”. Então eu saí com o meu filho, que tinha na altura sete anos e em que ele disse: “Deixa estar que eu vou à rua ver se há algum pido a olhar.” Então tomou conta de mim. Foi sempre de mão dada, não por ele, mas por mim, a olhar para trás e a dizer: “Não vem ninguém, não vem ninguém”, coitadinho, nunca mais se esqueceu. Hoje já é um homem, mas nunca mais se esqueceu e, por essas e por outras, é que ele é um homem de esquerda. Nunca por nada que eu o obrigasse, mas por tudo o que ele viveu. Tive de dormir fora, fomos dormir a casa da minha sogra para [eu] não ser presa, porque senão tinha sido presa por ter escrito um livro. Portanto, isto, as pessoas esquecem e os jovens como você e outras pessoas eram muito jovens no 25 de Abril.

## REFERÊNCIAS

Horta, M. T., Barreno, M. I., & Costa, M. V. (2001). *Novas Cartas Portuguesas*. D. Quixote.

Data de submissão/Submission date: 16/09/2025

Data de aprovação/Approval date: 19/09/2025

Esta revista tem uma licença Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) / This journal is licensed under a Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) license